

NOTAS SOBRE A CULTURA BRASILEIRA

Nelson Mello e Souza
Chanceler

Nossa história cultural não diverge, em seu trajeto formativo, de nenhuma outra. Todas se constituem em fenômeno histórico-social complexo. Difícil captá-lo.

No caso do Brasil, a complexidade aumenta porque, sendo muitas as formas que nossos intérpretes dão a seus estudos, cria-se uma babel de conceitos, um atropelo de visões diferenciadas. Por tudo isto, qualquer esforço de introdução racional a seu estudo, mesmo simples, mas que logre ordenar as categorias dentro das quais é possível dar alguma ordem ao tumulto das coisas, toma-se válido.

Tentemos este caminho. Esquematizemos conceitos válidos eliminando preconceitos inválidos.

Primeiro o termo "Cultura". Tem sido usado de forma pouco precisa. Não pode ser restrito ao exame de nossa maior ou menor sofisticação artística e literária, de nosso folclore apenas ou de nosso nível educacional. "Cultura", no sentido aceito pelas ciências sociais, refere-se ao estudo da formação típica dos valores, idiomas, éticas sociais, costumes, visões de mundo, tipos de identidade que separam o "EU" do "Outro" estrangeiro, modelos de comportamento aceitos consensualmente etc...

Segundo, afastemos qualquer tipo de análise pré-conceitual. São numerosos os estudos realizados dentro da lógica do preconceito, obedientes às perspectivas deterministas. Por exemplo, aceitamos passivamente sermos produto de raça miscigenada, por isto somaticamente inferior, ou ainda vitimados por clima difícil, paralisados por uma geologia ingrata que não nos brindou com o carvão quando este combustível fóssil era estratégico para mover a indústria nascente. Em seu conjunto, estas circunstâncias de raça, de clima e de geologia culminaram nas interpretações igualmente deterministas que, desde Manoel Bomfim, afirmam a fatalidade de uma organização colonial que nos impôs uma herança impossível de romper.

Visões comparativas vão mostrar que nenhuma destas variáveis pode ser entendida como causa de nossa especificidade. E de nosso atraso relativo. Basta um olhar bem rápido para a História. Nos séculos XIII a XVII pode-se ver como a pequena Veneza, formada por raças mescladas entre o Ocidente e o Oriente, iniciando sua vida sobre palafitas construídas em cima de um pântano, pressionada pelo poderio de Bizâncio de um lado e das sociedades germânicas de outro, logrou criar uma cultura própria e tornar-se a maior potência do mundo nestes séculos. Ou para a pequena Holanda que se fez império a partir de sua expansão no século XVII com sua consolidação no XVIII. Disponha, para todo este esforço, da precariedade de uma região conquistada ao mar, totalmente carente em recursos naturais. São apenas dois exemplos. Qualquer estudioso da história comparativa pode multiplicá-los.

Mais dramático ainda é a resultante desta distorção. Gerou a assertiva consensual, dominante por todo o século XIX e princípios do XX de ser impossível ao Brasil tornar-se diferente do que sempre fora, agrário, produtor de "commodities" para os mercados industriais. Seria a nossa vocação. Culpemos alguém, alguma coisa, a raça, o clima, a geologia, o português que nos colonizou, culpemos qualquer coisa ou qualquer um por este destino cruel, menos a total incapacidade decisória de nossas elites dirigentes, nossa obstinada sustentação conservadora do mesmo. Como não há espaço para maiores esclarecimentos fiquemos numa síntese conclusiva.

A cultura brasileira formou-se a partir da portuguesa quinhentista, com seu misticismo religioso e sua visão aristocrática do trabalho. Somos um braço da cultura ocidental cristã. Os primeiros portugueses migrantes foram se adaptando às circunstâncias da selva e dos trópicos, mesclando-se com os indígenas. Deste processo fomos construindo, desde a origem, uma cultura nova, embora ocidental cristã. Herdamos certos hábitos como o dormir em rede, o banho diário, os cabelos penteados, além de formas de alimentação típica com base na mandioca e no milho, nas frutas e peixes existentes na região, não mais na cevada, no trigo, no bacalhau e na sardinha.

A miscigenação foi inevitável. Dela surgiu o tipo mestiço do mameluco, como mais adiante com o regime escravo e a importação de negros africanos, os cafuzos e os mulatos. O regime escravo tornou imensa as influências das múltiplas culturas africanas em nossa religião popular, em nosso vocabulário, música, dança, gostos, preferências. O próprio idioma que se falava foi enriquecido com vocábulos novos, inexistentes em Portugal, sem deixar de ser o português. Um rico folclore foi surgindo da alma do povo.

Particularmente importante foi a resultante da estruturação econômica. Monocultora e escravocrata, induziu formas de hierarquização social rígida, com grande "distância" entre as classes, além de reduzida aceitação do valor do trabalho. Mais importante que tudo isto, foi o processo de articulação do Todo com as partes componentes através da atitude de submissão e aceitação passiva do destino, formas de "Ser" exigidas pela dependência do desempregado, do colono pobre e sem terra, do artífice sem clientela, do

tropeiro que padecia pelos matos para levar suas mercadorias onde havia consumo para elas, dos capangas, dos protegidos, dos agregados, moleques e mucamas, dos libertos que não tinham como viver. Foram sendo criados, no bojo do sistema, valores dominados pela psicologia da inferioridade e da servidão passiva. Além de aceitarmos como legítimo o uso patrimonial do Estado por parte dos poderosos. O Estado que se foi gerando, desde os primeiros tempos, foi posto a serviço das elites do poder e não do bem comum.

O fenômeno induziu a formação de nossa maneira de ver o mundo, a nós e aos outros. Nosso complexo de inferioridade, expresso no desejo de imitar os europeus em ostentação superficial de ilusões tornou-se um modelo de ser social.

Não éramos franceses. Nunca o fomos. Somos brasileiros e como brasileiros poderíamos ter aproveitado o processo industrial incipiente no século XIX, para acompanhar o progresso material do Ocidente. Se nossos valores fossem outros. Se nossas lideranças fossem capazes de romper a ossatura do processo secular de dominação.

Quando nos tornamos independentes era perfeitamente possível fazê-lo tão logo, com a Lei Euzébio de Queiroz os capitais aplicados no tráfico negreiro tomaram-se ociosos. Mas, não o fizemos. Nosso complexo de inferioridade nos impediu. Teríamos de ser clientes da indústria europeia, do saber europeu, dos modos e modas da Europa. Teríamos de seguir nossa vocação como, desde Cairu, estava sendo posto. Esta forma de pensar entrou pela República adentro com as propostas de Joaquim Murinho, nosso Ministro da Fazenda. Ir além da monocultura de exportação era tentar o impossível para um povo sem maiores qualidades.

Quando, finalmente, demos a grande arrancada industrial dos anos 1950 o fizemos carregando conosco o estigma da inferioridade assumida. Passamos a importar tecnologias. Nossa incapacidade admitida como fato real tornava impossível criar produtos novos, “assimilando” as tecnologias importadas. Por isto, adotamos o modelo mais fácil e mais subserviente da “substituição de importações”. O que ensinara o Japão do século XIX, país com muito menos recursos que o Brasil, recentemente à Coreia do Sul com recursos naturais ainda menores foi considerado “missão impossível”. Não acreditávamos em nós.